

2

Algumas percepções acerca das atividades femininas na zona rural

Muitos autores já analisaram alguns dos aspectos acerca da condição feminina nas atividades de produção e reprodução, no âmbito rural. Compreender qual é o papel desempenhado pelas mulheres no trabalho do campo, assim como no associativismo, é fundamental para esta pesquisa.

Ao se falar em gênero, remete-se às características de desigualdade, no que se refere ao confronto entre o masculino e o feminino. Assim, consideramos a afirmação de Saffioti (1992, 2-3) onde aponta que gênero “(...)diz respeito à construção social do masculino e feminino, modelos difundidos ideologicamente, como opostos e, portanto, como complementares”. A autora indica, ainda, que de acordo com outros estudos, a mulher não é o contrário do homem mas, sim, diferente dele. Ressalta a importância da defesa da diferença, visto que utopias de igualdade já fracassaram, ou seja, considerando o modelo de humanidade, o modelo biológico, a mulher jamais será igual ao homem. A igualdade pela qual se luta é aquela que defende o respeito no reconhecimento das diferenças. Saffioti entende que se procura buscar a eliminação do poder exercido de maneira arbitrária nas relações de gênero.

Antes de procurar traçar qualquer diferença entre o universo do homem e da mulher, dentro do universo pesquisado, considerei a heterogeneidade que caracterizou o grupo feminino pesquisado. Observar algumas das particularidades das histórias de vida de cada entrevistada permitiu-me perceber diferenças que separam mulheres que fazem parte de um mesmo contexto.

O acesso a direitos básicos como educação, saúde, assim como a informação sobre o próprio cotidiano, representa uma constante em algumas trajetórias, mas é totalmente alheio às outras experiências, conforme demonstra a comparação entre trechos de depoimentos,

realizados com algumas mulheres do mesmo grupo entrevistado. Em três dos casos, as entrevistadas informaram não saber da existência das associações, e muito menos do que se tratava lá. Em outros dois depoimentos, as mulheres declararam ter participado do movimento, porém, acabaram se desligando. Três delas participam, atualmente, inclusive ocupando funções de liderança e organização de seus respectivos núcleos.

Com relação à infra-estrutura implementada no município, como o atendimento médico e hospitalar, duas mulheres avaliaram como ruim estes serviços, citando o grande número da população que forma uma demanda muito maior do que a equipe de profissionais disponibilizada para os atendimentos. Estas situações, porém, não representaram a maioria, se considerarmos que o número maior de mulheres, no grupo entrevistado, teve acesso a serviços e não informaram sobre obstáculos para acessar serviços como saúde, educação ou políticas públicas.

O cotidiano, ímpar, de cada mulher, construindo suas histórias de vida foi o marco que serviu para determinar a intensidade da trajetória junto ao trabalho e, posteriormente, às associações, que contam com os associados envolvidos na produção rural. Contudo, o movimento de transformação da realidade ocasionou na redução da participação dos produtores, homens ou mulheres, e as lideranças mais ativas se destacam em meio ao desânimo que afetou alguns dos participantes, nas associações rurais:

“ Ainda tá muito pouco! Ainda tá muito pouco. Eu acho... eu acho até que, que , até... uma outra associação vizinha, que tem uma mulher que, que... é presidente da associação, não sei se você... (...). É, é! (...), esses dias eu tava comentando com ela, eu falei: ‘(...), nós tamos totalmente descrentes com a associação!’ Meu pai tá desanimado... e eu acho que homem... agora, agora deixa eu falar mal (...) ! (sorri) como presidente de associação! (baixa o tom da voz) Eu acho que homem não sabe dividir tarefa! Eu acho, sabe, assim?”

Outra questão levantada, a partir desta observação, refere-se à compreensão da divisão do trabalho entre homens e mulheres. É necessário considerar acerca dos impactos da participação feminina no trabalho e nas associações, no que se refere ao papel que elas exercem em suas comunidades.

Muitos autores têm contribuído com estudos sobre a formação da família, a divisão do trabalho e das funções nos núcleos familiares. Considerando sua historicidade, a variação da categoria trabalho ao longo do tempo e do espaço e, compreendendo, inclusive, o aspecto cultural de cada sociedade, é interessante considerar a reflexão de Engels (1980,73), que aponta para os aspectos contraditórios da organização familiar, no que se refere aos antagonismos presentes nas relações de gênero:

“Assim, pois, nos casos em que a família monogâmica reflete fielmente sua origem histórica e manifesta com clareza o conflito entre o homem e a mulher, originado pelo domínio exclusivo do primeiro, teremos um quadro em miniatura das contradições e antagonismos em meio aos quais se move a sociedade, dividida em classes desde os primórdios da civilização, sem poder resolvê-los nem superá-los”.

Assim, a família apresenta, em seu significado, uma das características da realidade mais ampla onde está inserida, a sociedade: contraditória e identificada por lutas de classes. Neste sentido, Engels (1980,80) acrescenta, ainda, que “(...) a família moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher, e a sociedade moderna é uma massa, cujas moléculas são as famílias individuais”. O aspecto contraditório que caracteriza a família moderna, segundo Engels, pode ser melhor compreendido se for comparado às características da sociedade capitalista, onde “(...) na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário” (1980,80).

Para seguir este raciocínio, cabe lembrar que alguns autores discorrem acerca desta mesma discussão, que envolve a relação entre

desigualdade de gênero e classe social na contemporaneidade. Neste sentido, é importante compreender melhor o conceito de classe social. Santos (2005,3) considera esta categoria, retomando a definição de Wright:

“(...) na interpretação de Erik Olin Wright classe social representa uma forma especial de divisão social gerada pela distribuição desigual de poderes e direitos sobre os recursos produtivos relevantes de uma sociedade. A existência dessa divisão produz conseqüências sistemáticas significativas sobre a vida dos indivíduos e a dinâmica das instituições.

O autor analisa sobre a relação entre as categorias de gênero e classe social. Para Silva (2005, 4):

“A noção de gênero como uma divisão social realça a idéia de que as diferenças de gênero são predominantemente de origem social e estruturais, de modo que o homem, como uma categoria, possui mais poder social que a mulher, como uma categoria. A divisão social de gênero implica não apenas em diferenças, mas em desigualdades incorporadas nas estruturas da sociedade. Gênero influencia cada aspecto em que nossas vidas estão organizadas. A identidade de gênero estrutura a nossa experiência, o sentido que damos ao mundo e as expectativas que os outros têm de nós”.

E, neste sentido, cabe citar, inclusive, a reflexão de Saffioti (1992), apontando que independentemente da consideração que afirma se a sociedade é uma unidade ou se é fragmentada, é relevante ressaltar suas diferenças no que diz respeito às linhas do gênero, raça, etnia e classes sociais. Numa sociedade com estas fragmentações, as relações sociais se determinam pelo poder e, assim sendo, a autora utiliza o pensamento foucaultiano de poder, como “o fenômeno que flui em cadeia, que transita pelos sujeitos sociais segundo a correlação de forças do momento” (1992,2). Saffioti afirma que este conceito é flexível e permite considerar o aspecto dinâmico nas relações de gênero, sem adotar uma posição vitimista, em que o homem detém todo o poder e a mulher nenhum.

As relações de poder acabam sendo identificadas no cotidiano da população. O acesso à educação proporciona, também, o poder aquele que detém o conhecimento.

Foi comum observar, porém, considerando o grupo da área rural deste município, uma parcela maior ligada, diretamente, ao trabalho braçal, sem uma relação mais estreita com a formação profissional.

Algumas atividades de trabalho são visivelmente divididas por uma influência cultural. Tarefas como o trabalho no lar, a educação dos filhos, a reprodução social dentro da esfera doméstica, estão relacionadas à função feminina. O provimento da renda familiar, através do trabalho na roça ou outra atividade fora da unidade domiciliar é identificado como função tipicamente masculina.

Assim sendo, quando o cotidiano apresenta uma alteração, ou seja, uma inversão destas determinações, a atividade passa a ser entendida como “ajuda” de um gênero para o outro. Sobre esta observação, é relevante relacionar a discussão teórica que se refere às categorias trabalho e ajuda, importantes de se considerar neste contexto.

2.1

O patrão e o marido: trabalho ou ajuda?

Na área rural de Paraíso, as atividades de produção e reprodução social, desenvolvidas pelas mulheres que fizeram parte do grupo entrevistado referem-se, quase sempre, ao trabalho doméstico. A maioria das entrevistadas declarou “ajudar” a mãe, ainda na infância, com afazeres no lar. Apesar da heterogeneidade que caracterizou o grupo entrevistado, este foi um ponto em comum apresentado pelas mulheres. Com o decorrer do tempo, algumas delas puderam direcionar o cotidiano para outras atividades como, por exemplo, estudar, construir uma carreira profissional. Outras não. A continuidade de uma rotina voltada exclusivamente para a reprodução da família configurou a história de vida de seis, entre nove mulheres entrevistadas.

Foi possível observar, inclusive, que os homens, normalmente, não dividem com as esposas os trabalhos domésticos e, quando isso ocorre, é

visto como um tipo de “ajuda” oferecida às mesmas. Neste sentido, indicar a categoria “ajuda” é fundamental na discussão sobre o entendimento da divisão do trabalho entre os sexos. Segundo Saffioti (1987), ao atribuir às mulheres as responsabilidades de reprodução social, já diminuem as probabilidades de que elas possam desenvolver outras potencialidades de que são portadoras. A autora (1987,15) afirma que a igualdade de oportunidades deve indicar partilha de todas as responsabilidades entre homens e mulheres, em qualquer campo de atividade, uma vez que “(...) nada mais injusto do que tentar disfarçar a dominação dos homens sobre as mulheres através da ‘ajuda’ que os primeiros podem oferecer às últimas”.

Conforme assinalado por Safiotti (idem) o trabalho extra lar da mulher é considerado como “ajuda” ao homem, e no sistema capitalista, se torna possível condicioná-la a receber o pagamento de salário inferior, já que se trata de “ajuda”. Ocorre, então, uma naturalização de discriminação exclusivamente sócio-cultural.

As trajetórias de algumas das mulheres entrevistadas apresentam uma articulação com reflexões que relacionam trabalho e gênero. O trecho, a seguir, confirma esta observação:

“(…), assim, no sentido de... ajudar ele... na economia da casa, né... ah, depois vem os filhos... aí eu sempre... tem... uma historia que... eu fazia queijo, fazia, não! Eu faço queijos! Pra vender... então teve uma época que eu fazia muuito queijo! Media ... uma média duns quarenta queijos por semana! Fazia muito! Bastante mesmo! Isso ajudou demais em casa! Aí, esse dinheiro não era só meu: era pra casa... (...) . É que, hoje em dia, (...) é diferente, na zona urbana (...) na zona rural não! Na zona rural, a mulher tem que ajudar o marido! Isso daí não mudou! Aqui pro nosso lado, aqui não mudou! Ainda continua isso! Desde o tempo da minha mãe! Que minha mãe ajudou o meu pai muito! Então, desde o tempo dela, isso vem!”

Outro depoimento, de mulher do mesmo grupo descreve sobre os enfrentamentos ocasionados pelo trabalho, em sua vida:

“(...) fazia!... deixava o maior... o maior tomando conta do mais pequeno e ia pra roça trabaiá. Quando eu trabaiava aqui

mesmo (...) eu deixava tomando conta da casa e eu...(...) é...trabaiava em casa e na roça...”

Há, ainda, outros relatos que demonstram um vínculo mais estreito entre as categorias ajuda e trabalho no que se refere à discussão sobre gênero. Pude perceber, como se dá esta relação dentro do cotidiano feminino, conforme mostra a “fala” de uma em que uma das entrevistadas relata sobre sua inserção precoce no trabalho, aos 10 anos de idade “ajudando” em casa, com o trabalho da limpeza e afazeres domésticos.

A categoria ajuda, associada ao trabalho surge, a seguir, naturalizada na trajetória de uma vida inteira, onde a mulher descreve sua rotina de trabalho na roça, capinando junto com o pai e, depois, em sua fase adulta, junto com o marido, sempre dividindo seu tempo entre o trabalho na roça e no lar.

O trabalho doméstico é associado à ajuda e não é interpretado como atividade de produção, pelas pessoas entrevistadas em Paraíso. Esta constatação é percebida através de entrevistas, em que é possível identificar a continuidade da mesma situação, ao longo da vida inteira, ou seja, pessoas que afirmaram sobre mulheres que “nunca trabalharam, só cuidavam da casa para ajudar ao marido” .

O trecho, a seguir, acrescentou informações acerca da relação feminina com o trabalho compreendida, inclusive, através de tradições culturais, transmitidas através do tempo, por muitas gerações, atrelando o trabalho como atividade masculina ou feminina:

“ (...) papai quando foi (...) no exército, papai deixou lá por minha conta! Eu tomava conta da (...) de café, de engenho, de terreiro, judava tirar leite... de madrugada vinha buscá os boi lá embaixo! (...). Com oito anos eles fecharo eu dentro do paiol pra mim descascar milho. Porque eu num era água de beber, não! Eu era triste!! Eu jogava bola, eu nadava, eu andava a cavalo, tudo!! aí, eu enchia o balaio (...) eu tirava a lenha, (...) descia o telhado (...) eu descia a varanda e de lá eu pulava lá embaixo!!(...). É... eu saí (...) o balaio tava cheio de milho, mas eu tava (...) eu trabalhei ... por isso que eu tomo conta da roça! O home não me tapeia não!! Em negócio, assim, de roça, tudo, né... (...)”.

Diferentemente de outros casos identificados na pesquisa, algumas relações de casamento não garantiam tranquilidade, algum tipo de acordo entre marido e mulher no que se refere às relações de trabalho, conforme mostram as respostas obtidas em entrevistas. O depoimento de uma senhora de 77 anos, hoje viúva, mãe de um filho adulto, descreveu sobre algumas das dificuldades enfrentadas, junto à família: o marido e filho se apropriando do lucro de seu trabalho. Em seu caso, a descrição de um cotidiano familiar conturbado, por conta de sua relação com o trabalho, em que os homens determinavam imposições. Não foi permitido que ela escolhesse o marido e, mais tarde, já casada com o homem escolhido por seu pai, não pôde usufruir dos rendimentos financeiros de seu trabalho, vendendo doces.

De acordo com Saffioti (1987), a subordinação da mulher é tão marcante no campo econômico quanto no político. A presença da mulher é muito maior do que dos homens nas atividades não-estruturadas do sistema capitalista, no segmento chamado mercado informal de trabalho. Esta relação caracterizada pela dominação do homem sobre a mulher pode ser percebida em outro trecho de depoimento:

“(...) eu nunca trabalhei??? Eu falei...pra ele...eu nunca trabalhei, nunca, nunca, nunca! Eu juro mermo, por Deus: ele nunca me deu uma blusa! Um chinelo! O marido bom que eu tive. (...) e ele ficou xingando, e falando e fazendo umas contas lá na copa! Eu fui lá (...) e peguei aqueles saquinho e fiz assim nele, ó, e joguei tudo nele! ficou uns três dia jogado lá !! (...) Foi!! Aí, quê que ele fêiz? Ele foi lá, tirô o dinheiro e ... (...). Aí ficou em conjunto só pra eles! (...) Ele comprou a casa (...).Era novecento! A casa custô setecento! Ele ainda ficô com duzentos”.

Pude perceber a diversidade de relações presentes neste contexto e, de acordo com o trecho anterior, relacionar esta conclusão com a idéia desenvolvida por Saffioti (1987), sobre a inferioridade imposta à mulher por ideologias dominantes. É interessante como, em muitos casos, a mulher

é massacrada, reduzida, não é vista como um ser portador de direitos, autonomia e merecedora de respeito.

Segundo a autora, presume-se que, originariamente, o homem tenha dominado a mulher por sua força física, apesar de exceções, uma vez que há mulheres mais fortes, com mais força física que outros homens. Neste sentido, de acordo com Saffioti (1987, 12),

“A força dessa ideologia da ‘inferioridade’ da mulher é tão grande, que até as mulheres que trabalham na enxada – apresentando maior produtividade que os homens- admitem essa ‘fraqueza’. Estão de tal maneira imbuídas desta idéia de sua ‘inferioridade’, que se assumem como seres inferiores aos homens”.

No que concerne à relação com o patrão, o grupo apresentou características bastante heterogêneas, ou seja, entre as nove mulheres entrevistadas, quatro possuíam vínculo empregatício em propriedades rurais e declararam como satisfatória a relação com o empregador que, segundo elas, cumpre com as obrigações legais, assinando a carteira profissional e pagando o salário com regularidade. As demais não possuíam este tipo de vínculo.

Como resultado das relações com o trabalho, pude perceber que embora o grupo apresentasse diferenças, todas as mulheres entrevistadas relataram satisfação com o desempenho de suas funções e, sem exceção, todas deram início a este vínculo a partir de suas próprias necessidades dentro dos núcleos familiares. Isto corresponde afirmar que, considerando a origem das carências, financeiras ou não, a inserção precoce no trabalho ocorreu afirmando uma determinação, tida como feminina, na reprodução social da família. Este fator parece contribuir em muito com o fenômeno que relaciona as atividades femininas com a categoria ajuda.

Em determinados contextos, a força da ideologia acaba por cumprir sua finalidade, inscrevendo papéis de inferioridade da mulher na natureza, mascarando a realidade. Deve-se considerar, porém, que estas foram questões pertinentes para se buscar a compreensão acerca dos impactos apontados, levantadas em um primeiro momento e podem, posteriormente,

vir a ser associadas às novas indagações que ampliem a percepção deste estudo, possibilitando compreender, de modo mais claro, quem é a “mulher da terra”, hoje, mediante todas as transformações que a realidade do campo vem sofrendo.